

Nosso povo é o maior credor *divida ext*

Em discurso na assembléia-geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, o presidente José Sarney assegurou que a dívida externa brasileira não será paga com a recessão, com a fome do nosso povo, o que, no dizer do Presidente, comprometeria de forma irrecuperável nosso caminho em direção à democracia. Exigiu uma negociação política da dívida e convocou os Estados Unidos a somarem esforços neste sentido.

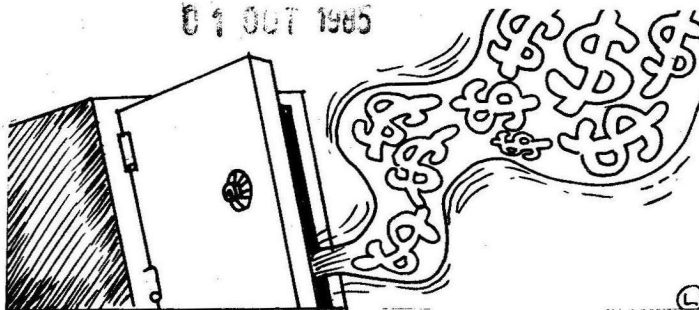
Providência louvável, merecedora do apoio de toda a Nação. Eu mesmo, nas páginas deste mesmo **CORREIO BRAZILIENSE**, já tive a oportunidade de defender a negociação política da dívida. Não se pode pedir mais sacrifícios de quem já deu o que tinha de dar. Ou mais, até.

Entretanto, as intenções do Presidente palmilham ainda o frágil terreno da teoria. Nosso povo aguarda medidas que viabilizem, na prática, o louvável compromisso. E hora, então, de cobrança. Cobremos do Governo, do Ministro da Fazenda, do Presidente do Banco Central, mangas arregaçadas, providências imediatas.

Há indícios positivos. O presidente Ronald Reagan declarou de público que os credores deveriam dar condições mais favoráveis para que os países devedores possam saldar, sem sacrifícios indesejáveis e insuportáveis, seu débito que, acrescidos dos juros, toma dimensões cada vez mais assusta-

CORREIO BRAZILIENSE
ODACIR SOARES

01 OUT 1985



doras.

E uma ciranda: para pagar, temos que produzir, exportar; para produzir, temos que crescer; e, para crescer, precisamos investir. Ora, investir como, se pagamos, por mês, quase 1 bilhão de dólares, apenas de juros?

A todas essas dificuldades, vem somar-se o imponderável. Exemplo recente, o México, país irmão, endividado como nós, vítima de um terremoto que matou mais de 6 mil pessoas e provocou um prejuízo avaliado, por baixo, em mais de 5 bilhões de dólares. Como nós, o México, antes dessa violência, tinha sérias dificuldades para saldar seus compromissos mensais. E agora, como será?

Não estamos sozinhos nesta luta. Nossos irmãos devedores, latinos, são aliados. E, ironicamente, não seria surpresa encontrarmos aliados entre os próprios credores. O raciocínio é elementar: é tão grande o volume global da dívida que já ameaça a ambos, endivida-

do e credor. Imagine-se uma declaração global da moratória: unidos, os países simplesmente se recusariam a pagar o que devem. Para nós, em débito, as consequências seriam sérias, indesejáveis; mas, para os credores, seriam catastróficas.

Esse é o quadro, o espelho que reflete sem sutilezas a situação advinda da política adotada internacionalmente: os ricos emprestam aos necessitados, depois sugam-nos à mingua com seus juros. O nome disso é agiotagem.

É evidente que os mandatários dos países devedores devem pensar, antes de tudo, no bem-estar de seu povo. É evidente também que nenhum deles quis, deliberadamente, tirar da boca de seus conterrâneos o pão que veio a enriquecer os que já são ricos. Mas foi o que aconteceu; o que tem acontecido.

No Brasil, censurou-se, por mais de uma década, a situação de penúria em que viviam — e vivem — seus fi-

lhos. Pais desempregados, ou subempregados, filhos famintos, desnutridos. Os dados são do IBGE e estão aí, para quem quiser ver, divulgados 11 anos depois de efetuada a pesquisa. E, constatação terrível: de lá para cá, a situação piorou.

A censura não resolveu o problema, não mitigou a fome da imensa legião de deserdados brasileiros. Ao contrário, o quadro se agravou. Em contrapartida, engordam quase obscenamente os cofres dos países prestadores de dinheiro.

São dados impressionantes, mas nem por isso menos verdadeiros. É preciso uma providência imediata e saneadora que não fique apenas no campo das boas intenções. Já houve promessas de sobras. Chegou o momento de cumpri-las.

Somos um país de potencialidades imensas. Agora, há pouquíssimo tempo, a descoberta de um novo poço de petróleo poderá levar-nos à tão desejada auto-suficiência de combustíveis. O Brasil é, portanto, viável. O que não é viável — chega mesmo a ser indecente — é o acúmulo de juros da dívida externa, que onera nosso índice inflacionário, reduz nosso campo de investimento e nos condena à pobreza atroz. Vamos dar um basta a esta situação.

Ofereçamos aos credores o que podemos pagar de maneira digna. Nosso maior inimigo não é a moratória: é a fome, a recessão. É preciso que tenhamos consciência de nossa grandeza.